

História e Cultura Indígena: uma análise das resistências através dos relatos do padre João Daniel e das permanências da cultura dos povos originários, na contemporaneidade

Haroldo José de Souza Godinho Junior¹

Arcângelo da Silva Ferreira²

Resumo: O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo contemplar a história e o protagonismo indígena, essencialmente, na Amazônia colonial (1741-1757), contudo, analisando determinadas permanências da cultura indígena na contemporaneidade. Desta forma, pesquisar as nuances da permanência cultural indígena, através de alguns indícios, para verificar suas permanências no tempo. Problematizaremos o período colonial através do livro publicado em 2004, *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas (Volumes I e II)*, escrito pelo padre jesuíta João Daniel. Usamos as reflexões de Almir Diniz de Carvalho Júnior (2005), o qual trouxe contribuições significativas para compreendermos as ações dos indígenas no mundo colonial, no que tange a adoção de uma nova identidade pelos indígenas, como forma de resistência e sobrevivência, no contexto do processo de cristianização dos povos originários. Em suma, verificamos determinadas formas de resistências identitárias, por exemplo, entendendo que os mecanismos de luta no passado contribuíram para determinadas permanências da história e cultura indígena, na contemporaneidade.

Palavras-chave: Protagonismo indígena; Amazônia colonial; Pe. João Daniel.

Considerações iniciais

Eu, sendo natural do estado do Amazonas, nascido e criado no município de Parintins, nunca parei para problematizar minha própria cultura no sentido de me perguntar sobre suas origens propriamente ditas, e creio que a maioria dos cidadãos comuns também nunca se fez essa indagação. Sempre soube que minha cultura estava de alguma forma relacionada com a cultura indígena, mas para mim isso nada mais era do que algo comum de se ouvir. Isso começou a mudar quando ingressei na faculdade e passei a estudar de forma mais aprofundada minha cultura, entendendo o seu surgimento. Durante a leitura do livro do padre João Daniel, pude perceber vários aspectos que ele descreve como pertencentes à cultura indígena e que são comuns para mim hoje em dia, como hábitos alimentares, econômicos e até mesmo dialéticos que sempre estiveram presentes na minha vida, porém, nunca associei como sendo parte da herança cultural do povo amazonense.

¹ Acadêmico do 8º período do curso de Licenciatura em História do CESP/UEA

² Doutor em História Social na Amazônia (PPHIST/UFPA); Professor do curso de História do CESP/UEA.

Este artigo aborda o protagonismo e a resistência indígena na Amazônia colonial, focando nos meios de resistência adotados pelos nativos dentro dos aldeamentos missionários durante o período em que o padre jesuíta João Daniel atuou nas missões da Amazônia colonial, compreendido entre os anos de 1741 e 1757. Essa delimitação temporal refere-se ao período em que o padre João Daniel exerceu seu papel como padre nas missões jesuíticas de evangelização, atuando no estado do Maranhão e Grão-Pará antes de ser recluso por quatorze anos, condenado pela Coroa Portuguesa devido ao novo projeto político realizado pelo marques de Pombal que visava a construção de um novo modelo econômico aos moldes da cultura e civilização europeia.³

Paralelamente à investigação sobre o protagonismo indígena através da obra do referido padre jesuíta, procuramos identificar, na contemporaneidade, as nuances da permanência da história indígena por meio da herança cultural, através do cultivo da mandioca, produção da farinha, da confecção de canoas, de alimentos como tacacá, o cultivo e produção do açaí e da pesca enquanto meio de subsistência. Argumentamos que as táticas utilizadas pelos indígenas no passado colonial foram eficazes, pois ao longo de diversas temporalidades, mantiveram práticas e representações relacionadas às identidades indígenas. Essas evidências podem ser observadas, por exemplo, em comunidades das populações que habitam das margens dos rios amazônicos.

O padre João Daniel nasceu em Travassos, diocese de Viseu, em 24 de julho de 1722. Ingressou na Companhia de Jesus em Lisboa em dezembro de 1739 e, dois anos depois, foi enviado para o estado do Maranhão e Grão-Pará. Em 1751, já desempenhava funções como missionário no Pará. Sua obra foi escrita durante os quatorze anos de reclusão devido às leis pombalinas, que buscavam retirar dos jesuítas seus poderes sobre as missões. Isso ocorreu porque o projeto político de Pombal para a Amazônia visava estabelecer um novo modelo econômico. João Daniel faleceu em 19 de dezembro de 1776.⁴

Um estudo que contribuiu para a análise do significado documental da obra escrita pelo padre João Daniel foi realizado pelo historiador amazonense Almir Diniz de Carvalho Júnior, intitulado *Índios cristãos: A conversão dos gentios na Amazônia Portuguesa - 2005*. Nessa pesquisa, o autor realiza uma análise sobre os povos originários

³ Essas informações foram retiradas da APRESENTAÇÃO, escrito por Vicente Salles, do livro *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas Volumes I – 2004*, p. 11-35

⁴ Essas informações foram retiradas da APRESENTAÇÃO, escrito por Vicente Salles, do livro *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas Volumes I – 2004*, p. 11-35

cristianizados, ou seja, indígenas que, durante o período colonial, integraram-se à Igreja Católica. Segundo as análises de Diniz, esses indígenas passaram a adotar essa identidade imposta pelos europeus como uma maneira de se inserirem na nova sociedade, mas, acima de tudo, de sobreviverem e preservarem suas culturas, mesmo que parcialmente.

Considerando as análises de Carvalho Júnior (2005), este trabalho tem como objetivo geral analisar e/ou catalogar modos ou meios de resistência dentro dos aldeamentos, conforme os relatos do padre João Daniel. Além disso, busca-se observar a perpetuação das culturas indígenas ao longo do tempo, por meio da herança cultural presente na cultura amazonense. Ao longo do texto, pondero sobre questões que orientam o processo de resistência e protagonismo indígena, utilizando a documentação essencial escolhida como fonte de análise. Algumas dessas questões incluem: Quais meios de resistência foram empregados pelas etnias indígenas na Amazônia colonial, conforme descritos na obra do padre João Daniel? Quais aspectos culturais indígenas permanecem vivos na história e cultura das populações que habitam às margens dos rios amazônicos?

Herança cultural enquanto meio de resistência

Neste primeiro tópico, abordaremos a herança cultural indígena para contextualizar o leitor sobre a proposta de utilização desse aspecto e sua relevância para o trabalho. Durante minhas leituras para o desenvolvimento deste trabalho, mais especificamente durante a leitura da obra de Almir Diniz de Carvalho Júnior (2005), fui apresentado ao conceito de etnogênese⁵, que, nas palavras de Jonathan Hill, permitiu aos nativos aldeados utilizar estratégias para renovar suas identidades, tornando-as duradouras (CARVALHO JÚNIOR, 2005, p. 5), no sentido de manter suas culturas vivas durante o processo de colonização. A partir deste conceito inspirou-me a buscar na fonte primária usada aqui, e fora desta, a partir das minhas experiências pessoais enquanto morador do estado do Amazonas, aspectos da permanência da herança da história e cultura indígena nas sociedades que vivem, essencialmente, nas margens dos rios amazônicos, como meio de resistência indígena.

⁵ Segundo Boccara o processo de etnogênese faz referência ao surgimento de um novo segmento social através da transformação de um outro grupo social, no que diz respeito a definição de sua identidade e incorporação de traços de outras culturas em sua própria (CARVALHO, 2006).

É comum que as populações amazonenses, que vivem às margens dos rios amazônicos, sejam retratadas como herdeiras da história e cultura indígena, compartilhando vários aspectos culturais com os povos tradicionais. Houve, de fato, um hibridismo cultural envolvendo os povos originários, europeus e negros, inicialmente (CARVALHO JÚNIOR, 2005). Posteriormente, com o advento da economia da borracha no século XIX, surgiram os nordestinos, também fruto de misturas étnicas. Nesse sentido, a população amazonense não pode ser generalizada como indígena, pois somos frutos de uma hibridização étnica e cultural, implicando, assim, na composição social também. É consenso entre os especialistas acerca da História e Cultura regional a complexidade peculiar da cultura e sociedade formadas historicamente na Amazônia, desde, por exemplo, os estudos de Ribamar Bessa Freire até Alfredo Wagner. No entanto, esse processo de influência não ocorreu de forma proporcional em todo o país. Wagley (1988) destaca a existência de diferenças regionais quanto à herança cultural (LINS, 2005), e dependendo da região do país, uma cultura pode ter exercido maior ou menor influência na construção cultural daquela população especificamente. Isso é evidenciado na afirmação a seguir:

Essas três heranças⁶ culturais não se manifestam, entretanto, com a mesma intensidade em todo o Brasil. O Brasil é uma nação de acentuadas diferenças regionais produzidas por diversas circunstâncias de ambiente e pela precariedade dos meios de comunicação. (...). No Vale Amazônico, com seu ambiente típico de chuvas e florestas e seu magnífico sistema entrelaçado de vias fluviais, mais do que em qualquer outra região, persistiu a herança indígena do Brasil (WAGLEY, 1988, p.54 *apud* LINS, 2005, p. 8).

A Amazônia, assim como as demais regiões do país, é fruto da hibridização cultural. No entanto, o destaque na cultura amazonense é a herança cultural indígena (LINS, 2005). É possível observar, dentro do livro do padre João Daniel, a existência dessas semelhanças, uma vez que o padre por diversas vezes descreve costumes, hábitos, ou práticas culturais, e sobretudo gastronômicas, indígenas que ainda hoje se fazem presentes dentro da cultura da população amazonense, semelhanças essas que retratarei mais a fundo no último tópico deste trabalho.

Existem diversos exemplos que posso trazer aqui para evidenciar a herança da cultura indígena. Alguns dos exemplos mais famosos que citarei neste momento são a popularização de práticas e receitas de origem indígena pelo Brasil e pelo mundo, a

⁶ A autora se refere às influências das culturas lusitana, africana e indígena.

disseminação do açaí e do tacacá por exemplo, assim como a pesca enquanto meio de subsistência, ou mesmo o uso da canoa como meio de transporte pelas populações que habitam às margens dos rios amazônicos. Não irei me aprofundar nos exemplos neste primeiro momento, pois destinarei a parte final do trabalho a este propósito. Antes, porém, vamos explorar a Amazônia no período colonial através dos relatos do Pe. João Daniel.

A doutrinação e a resistência nos aldeamentos

A catequização das etnias indígenas foi uma das principais ações empreendidas pelos europeus durante o processo de colonização, originando a ideia de construir aldeias missionárias habitadas por indígenas, onde lhes seria ensinado o evangelho cristão. Os aldeamentos proporcionavam maior controle sobre as práticas culturais dos indígenas, permitindo o rompimento com tudo que fosse visto pelos missionários como oposto ao cristianismo. Segundo o Pe. João Daniel, as práticas doutrinárias dentro dos aldeamentos eram seguidas com devido rigor, descrevendo que pela manhã eram realizadas missas, seguidas de uma visita do padre por toda a aldeia. À tarde, eram realizados os batismos, quando necessário, e aos domingos, após as práticas anteriores, ocorria a procissão do terço do rosário, celebradas no terreiro ou praças (DANIEL, 2004).

Mesmo sob a rígida tutela jesuítica e as constantes tentativas de fazerem os indígenas abandonarem sua cultura, estes buscavam formas de mantê-las. Dentro da obra do Pe. João Daniel, *Tesouro Descoberto no Máximo rio Amazonas - 2004*, encontramos relatos sobre práticas indígenas dentro dos aldeamentos missionários. No entanto, é importante ressaltar que esta obra foi originalmente escrita como um tipo de diário, ou seja, não possui uma problemática a ser desenvolvida. Apesar de ser um documento importante sobre o período da Amazônia colonial, ele, por si só, não foca detalhadamente na forma como os indígenas resistiam e mantinham suas culturas vivas. Isso demanda uma análise mais detalhada da obra para observar quais relatos descritos pelo autor podem ser interpretados como meios de resistência indígena nos aldeamentos. Dito isso, trarei aqui três casos em particular que claramente podem ser interpretados como resistência indígena, já que são relatos de indígenas praticando suas culturas nos aldeamentos. O primeiro diz respeito à adaptação da cultura indígena, podendo até mesmo ser interpretada como uma forma de mascarar sua cultura para que praticá-la seja aceita pelos missionários. Já o segundo mostra-se como um método mais simples, onde os indígenas

realizavam seus rituais escondidos na mata. O terceiro refere-se a um caso de canibalismo entre os membros de uma família indígena da nação Arapium.

O primeiro relato que apresentarei é o caso das festividades indígenas dentro das missões. Em seu texto o padre João Daniel deixa claro que os indígenas apreciavam bastante a música e instrumentos musicais, realizando frequentemente seus folguedos repletos de danças e cantorias. Observando essa apreciação pela música, os missionários passaram a utilizá-la como forma de atrair os indígenas para o grêmio da Igreja. O padre João Daniel relata inclusive que o padre Vieira⁷, durante o período em que atuou nas missões, instruiu os demais missionários a adotarem a música como método de doutrinação. Ele os orientava a ensinar e instruir seus neófitos a cantar e tocar nos ofícios da Igreja.

Duas cousas, porém, seriam de muita utilidade para melhor atrair, e mover a devoção àquela rústica gente, que são a música, e pinturas de bons painéis. Quanto sejam os índios inclinados a todo o gênero da música o tem mostrado a experiência nas missões castelhanas, (...), mas em todos os dias da semana há música nas igrejas (...).

É, pois, um grande meio a música para excitar nos índios a devoção; e com muita reza a aconselhava tanto o padre Vieira aos missionários do Amazonas para atrair, e converter aquelas gentes; e como supostas as escolas, que já se usam nas missões, é fácil o ensinar esta arte, e muito mais fácil de aprender pelos meninos pela sua natural inclinação, (...). (DANIEL, 2004. pg. 357-378)

Retomando o assunto principal, em certo momento do texto, mais precisamente no "CAPÍTULO 10º, Da lei dos índios do rio Amazonas", o padre João Daniel descreve a realização de uma dessas festividades dentro de uma aldeia missionária. No entanto, o que mais chama a atenção são as palavras que o autor utiliza para relatar esse acontecimento. Suas palavras carregam, por si só, um tom de dúvida e incerteza, como se não entendesse completamente o que está presenciando ou não acreditasse plenamente no que está acontecendo. Entretanto, para nós, conhecedores do fato de que os indígenas, mesmo aldeados, não abandonaram totalmente sua cultura, torna-se fácil interpretar a dúvida nas palavras do autor. Essa dúvida demonstra o sucesso dos indígenas em mascarar suas práticas culturais perante os jesuítas, pois essas práticas passaram a ser comumente associadas a simples festejos realizados pelos próprios indígenas.

⁷Antônio Vieira nasceu em Lisboa em 1608 e faleceu em 1697 na cidade de Salvador, foi um padre jesuíta e escritor que atuou em defesa dos indígenas no Brasil Colonial. Durante seus sermões realizava duras críticas sobre as injustiças e perseguição sofrida pelas populações indígenas. (CORDEIRO, 2023)

E na verdade tem ocasiões em que festejam muito a lua (...). Tudo isto presenciei eu mesmo, achando-me no campo com alguns, não só batizados, mas também ladinos⁸; porque gritando um que via a lua, os mais, que estavam recolhidos em uma grande barraca, todos saíram a festejá-la; e alguns, entre as mais ações de alegria, estendiam os corpos, puxavam-se os braços, mãos, e dedos, como quem lhe pedia saúde e forças em tanto que eu cheguei a desconfiar que estavam idolatrando. E se assim faziam os mansos e educados, e doutrinados nos dogmas da fé de Cristo, que farão os bravos, e infiéis? (DANIEL, 2004, p. 322)

Se analisarmos o relato acima a partir de uma perspectiva crítica, seguindo a lógica estabelecida por Almir Diniz de Carvalho Júnior (2005), podemos constatar que esse festejo descrito pelo padre João Daniel desperta grandes dúvidas sobre ser ou não apenas uma festividade, nada mais é do que os meios encontrados pelos indígenas para adaptarem sua própria cultura às circunstâncias que se encontravam naquele momento. Afinal, era necessário permanecer dentro das aldeias, que eram a forma mais viável de garantir sua sobrevivência diante da ameaça dos descimentos e guerras justas⁹.

No caso seguinte, o padre João Daniel descreve a descoberta de idolatria dentro da missão, onde os indígenas já batizados e que supostamente praticavam a religião católica mantiveram seus cultos religiosos escondidos dos missionários. Mesmo estes mantendo a todo momento uma rigorosa vigilância sobre os nativos, pois já sabiam de suas recaídas aos maus hábitos, termo este usado pelo padre quando os nativos voltavam a praticar seus rituais religiosos. Sobre o caso especificamente, o autor descreve o ocorrido em uma missão chamada de Tapajós, hoje intitulada Vila de Santarém no Pará, onde o missionário responsável pelo aldeamento suspeitava que os indígenas idolatravam seus ídolos escondidos na mata. Esses costumes eram repassados apenas entre os mais velhos para evitar serem descobertos, já que os padres jesuítas buscavam sempre se aproximarem dos mais jovens por serem mais ingênuos e utilizá-los para atrair os pais e outros membros da família para a fé católica.

Esse tipo de prática, de usar os nativos mais novos para atrair e convencer os demais, eram práticas e artimanhas comuns que os padres utilizavam desde o período em que o padre Antônio Vieira atuou nas missões. Um exemplo que posso trazer são os meios

⁸ Com base no contexto em que o padre João Daniel disserta sobre o referido acontecimento, muito provavelmente utiliza o termo “ladino” para se referir aos indígenas já adeptos a doutrina católica.

⁹ As guerras justas eram ataques contra as tribos indígenas que negavam se submeter ao controle do governo ou que se voltavam contra a população colonial e seus aliados indígenas. Já os resgates, realizados justamente pelas tropas de resgate, era o aprisionamento de nativos proveniente do tráfico realizado por tribos indígenas aliadas ao governo português, originalmente, esses cativos seriam utilizados em seus rituais de antropofagia, o que posteriormente tornou-se a justificativa para a realização dos resgates. (CARVALHO JÚNIOR, 2005, p. 03)

de descimento descritos pelo padre João Daniel no volume II "CAPÍTULO 5º, Das missões do Amazonas, modos de sua fundação, e praxe do seu governo". Nesse capítulo, é descrito como o processo de convencimento das tribos indígenas era realizado, onde os padres, em primeiro momento, buscavam se aproximarem daqueles, principalmente de um menino, que tinham interesse em praticar a fé católica.

Enfim, recapitulando o relato da idolatria escondida na mata, dentro deste relato nos é dito pelo autor que, mesmo com toda a doutrina católica e os vários métodos de convencimento, os indígenas conseguiram manter vivos seus próprios rituais religiosos por mais de 100 anos, pelo menos no que diz respeito a este caso específico. O padre João Daniel observa que a vila onde ocorreu este caso havia sido fundada há mais de 100 anos, o que implica que os indígenas conseguiram manter suas práticas religiosas durante todo esse tempo.

Lia o missionário em Avendanho (...): que os índios também idolatravam em ídolos, e que com muita dificuldade largavam os ritos e costumes dos seus avoengos. Quis o missionário indagar a verdade e chamado alguns índios, que julga mais fiel. (...). Responderam os índios que na verdade adoravam alguns corpos e criaturas, e que os tinham muito oculto em uma casa no meio dos matos, de que só sabiam os mais velhos e adultos. (DANIEL, 1722-1776. Pg. 322)

Não somente a idolatria aos seus ídolos se mantinha viva, como também, em alguns casos, a antropofagia ainda se fazia presente entre alguns aldeados. Como se sabe, no período que antecede a colonização, era comum entre as tribos nativas a realização de rituais antropófagos, onde se alimentavam da carne do guerreiro mais valente da tribo inimiga, ritual este que possuía todo um viés religioso.

Nesse caso, a descrição é sobre o relato de um indígena da nação Arapium, etnia conhecida por se alimentar de carne humana. Em seu leito de morte, ele pede ao padre da aldeia onde está aldeado para ser batizado, por ainda ser pagão e temer os castigos que, segundo prega o catolicismo, são reservados no pós-vida a todos os pagãos e aqueles que renegam a Deus. Após administrado o batismo e o padre ter partido, pouco tempo depois, o padre soube através de outro missionário que após a morte do indígena, seus familiares vieram a sepultá-lo em seus estômagos, ou seja, comeram o cadáver do falecido. (DANIEL, 2004)

Posto que não conste que esta nação arapium fosse uma das muitas que comem carne humana por sustento usual, contudo parece não a lançar fora, quando a alcançava, por observação feita por um seu missionário, que soube que morrendo um índio de bexigas, a sepultura em que o

enterraram os parentes tinha sido a das suas barrigas, porque, feito em postas, o foram consumindo até o acabar; (...). (DANIEL, 2004, p. 363)

Estes três casos são os que mais chamam a atenção na obra *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas – 2004, Volumes I e II* no que diz respeito aos meios de resistência indígena nos aldeamentos. Observando estes casos, fica claro que a aceitação da doutrina católica pelos indígenas não foi exclusivamente pelo viés religioso, por acreditarem nas palavras de seus colonizadores, mas sim como meio de sobrevivência a toda a perseguição que vinham sofrendo neste período. Almir Diniz de Carvalho Júnior aborda esse assunto em sua obra *Índios Cristão: A conversão dos gentios na Amazônia Portuguesa – 2005*, onde o autor argumenta sobre a importância da aceitação da identidade cristã para a sobrevivência dos indígenas.

(...) a identidade “cristã” passou a ter uma importância fundamental para estas populações coloniais ameríndias. O mundo colonial se instalou à revelia destes povos, que passaram a dele fazer parte, de formas distintas, conforme os contextos e os graus de sua inserção. Tornar-se cristão para eles era uma escolha e, ao mesmo tempo, a sua única opção segura. (...). Caso tomassem esta decisão, estariam à mercê das ‘tropas de resgate’ ou das ‘guerras justa’. (CARVALHO JÚNIOR, 2005, p. 3)

O fato de manterem, ao menos em partes, suas culturas vivas corrobora este ponto. Claro que o texto por si só é rico em outros aspectos relacionados ao período da Amazônia colonial, contudo, estes não condizem com a proposta que estou trabalhando. Por conta disso, me limitei a trabalhar em cima destes três casos em específico por se enquadrarem melhor dentro da proposta.

Perpetuação e herança cultural

Nesta última parte do texto, tratarei de algumas descrições feitas pelo padre João Daniel dentro de seu texto sobre a cultura material, imaterial e gastronômica indígena, que atualmente são comuns dentro da cultura das populações que habitam as margens dos rios Amazônicos, traçando um paralelo entre o período da Amazônia colonial e os dias atuais com o intuito de pensar a herança cultural como meio de resistência ao longo do tempo.

Dentro de sua obra, o padre João Daniel por diversas vezes descreve práticas que ele mesmo observou serem feitas pelos indígenas e que hoje são comuns dentro das populações que habitam as margens dos rios Amazônicos. Começaremos então pelo que jamais pode faltar na mesa do amazonense, a farinha de mandioca, alimento típico e usual da gastronomia amazonense que padre João Daniel explora mais a fundo na “Parte Terceira – Capítulo 2 - Da farinha de pão da América”. Neste capítulo, o autor descreve mais a fundo a produção da farinha de mandioca pelos indígenas, suas diversas castas e como "se vangloriavam os naturais de terem nesta sua farinha (...) além do pão ordinário e ordinárias bebidas" (DANIEL, 2004, p. 413).

Durante seu tempo atuando nas missões, o padre João Daniel se questiona sobre a origem da prática do cultivo da mandioca pelos indígenas, já que várias etnias diferentes fazem uso deste alimento. Ao questionar os indígenas sobre isso, os mesmos respondem que haviam aprendido com um homem chamado “Sumé”, o qual o padre João Daniel conjectura ser o Apóstolo São Tomé¹⁰, responsável por ensinar aos indígenas o manejo da mandioca. Entretanto, está claro que esta constatação é, de fato, uma apropriação da cultura dos povos originários pela religião cristã. Através deste exemplo, podemos observar o conflito de interpretações. De um lado, a cultura indígena resistindo sob a égide do processo colonial judaico-cristão; por outro, o padre sugerindo que os detentores do saber são os santos da Igreja Católica.

Como ressaltai anteriormente, a farinha de mandioca atualmente faz parte da gastronomia amazonense¹¹. Algumas regiões tornaram-se o centro das políticas de colonização a partir do século XIX, e por isso se desenvolveu uma economia rural que até hoje é mantida na forma de agricultura familiar (CARDOSO, 2005). Atualmente, a farinha ainda faz parte do cardápio dos brasileiros, tanto no Norte quanto no Nordeste, sendo parte significativa das refeições diárias, além disso, sua produção tem uma significativa importância na aquisição de renda das populações que habitam as margens dos rios amazônicos e indígenas (SENA, 2019). O método de produção tradicional é conhecido como “casas de farinha”, com estruturas pouco profissionalizadas que

¹⁰ Tomé foi um dos doze apóstolos de Jesus. Em algumas passagens bíblicas ele é chamado de Dídimos, que significa “gêmeo” (João 11:16; 20:24; 21:2) (CONEGERO, 2024). Em seu livro, João Daniel acredita que o apóstolo peregrinou pela América portuguesa devido aos indígenas afirmarem terem aprendido certas práticas religiosas e até mesmo o plantio da mandioca com um viajante que eles chamavam de Sumé. Daniel acredita que se referem a São Tomé desta forma, Sumé, devido a não conseguirem pronunciar fielmente a língua portuguesa.

¹¹ SILVA, Beatriz Souza da; COSTA, Francisca Maria Conceição da; MELO, Maria Eduarda De Lima. Gastronomia Amazônica. Recife: O Autor, 2021.

geralmente estão apoiadas em trabalho familiar (GRANCO, 2005, apud SENA, 2019, p. 22).

A cultura da farinha de mandioca no Brasil constitui uma tradição que remonta a mais de um século. Esse alimento, além de grande valor cultural vinculado ao conhecimento tradicional de herança indígena, apresenta qualidade diferenciada e desponta como uma das principais fontes de alimentos da população local, ao lado do peixe. (SENA, 2019, p. 22).

Dentro do corpo do texto são citadas outras deliciosas gastronômicas pelo padre João Daniel, delícias essas que hoje são famosas em todo território brasileiro, algumas delas são até mesmo conhecidas fora do Brasil. O açaí é o exemplo mais famoso, atualmente uma bebida consumida em várias regiões do mundo sendo o estado do Pará o maior produtor de açaí do Brasil, entre os principais destinos desta produção os Estados Unidos, Japão, Austrália, Alemanha, Bélgica entre outros¹². Outros exemplos gastronômicos citados pelo padre João é o tacacá, beijus, tapioca e tucupí todos provenientes da mandioca cujo cultivo proporcionava o sustento das tribos indígenas onde tal prática se mantém viva até os dias atuais onde seu cultivo passou a ser de grande importância dentro do estado do Amazonas sendo realizado em todos os municípios do Estado através de mais de 67 mil agricultores familiares e produtores rurais, sendo considerada uma atividade de grande importância social e econômica segundo o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas – IDAM.

Em relação a raízes, a mandioca tem ocupado um lugar de destaque, por ela ser a base de várias comidas, além de ser transformada em farinha para a confecção de tapiocas ou bijus e ao ser misturada com água, se transforma em caribe ou chibé, mingau bastante consumido na região. A água da mandioca, que também é conhecida pelo nome de tucupí (...) (MIESSA, 2013 apud DA SILVA, 2021, p. 16).

Dando seguimento, outro traço cultural compartilhado entre os povos tradicionais e as comunidades que habitam as margens dos rios amazônicos é a pesca como meio de subsistência. Antes, durante e após o período colonial, a pesca como meio de subsistência é uma realidade na região amazônica. Dentro de sua obra, especificamente no “Tratado Quinto – Da pesca do Amazonas”, presente no “Volume II”, o autor faz uma grande

¹² SAUMA, Jorge; MAIA, Caio. 2019. Caminhos do açaí: Estados Unidos Consomem 40% da exportação paraense. g1.com.

apreciação sobre a abundância de peixes na região amazônica e ressalta a importância da pesca para o sustento dos indígenas, já que fora das cidades não há onde se possa comprar alimentos.

É certo que o peixe é o sustento mais ordinário fora das cidades, onde não há, nem pode haver, a conveniência da vaca, e açougue; e assim do peixe vivem ordinariamente por todo o centro do Amazonas acima todos os seus habitantes e missionários; mais para isso se veem precisados a terem pescadores próprios (...). (DANIEL, 2004. pg. 293)

Até mesmo a forma de pescaria descrita por Daniel se assemelha; refiro-me ao uso de flechas e arpões, ainda utilizados nas comunidades do interior do Amazonas, conforme aponta a pesquisa de Neriane Nascimento da Hora e Álvaro dos Santos Moreira (2019) em seu artigo “Importância comercial de subsistência da pesca para comunidades da várzea do Baixo Amazonas”. Apesar de, nos dias atuais, a pesca ainda ser o meio de se obter alimento usado por grande parte das populações que habitam as margens dos rios amazônicos, esta também é a forma pela qual a referida população adquire alguma renda por meio do comércio pesqueiro (GARCEZ, 2009). A economia familiar dos povos que habitam os rios amazônicos é diversificada, possuindo diversas fontes de renda; no entanto, a mais significativa é, sem dúvida, o comércio pesqueiro.

Para as populações ribeirinhas, a prática da pesca de subsistência resulta também em um importante componente na geração de renda indireta, pois ao substituir a compra de fontes proteicas, reduz os gastos familiares. Além disto, o excedente da pesca pode tornar-se um meio de integração do ribeirinho ao mercado, através da comercialização (LEONEL, 1998; BATISTA et al., 2007 *apud* GARCEZ, 2009)

Prosseguindo agora com a prática da confecção de panelas de barro, sendo este outro ofício que liga culturalmente as populações que habitam as margens dos rios Amazônicos com os povos tradicionais. O padre João Daniel faz uma breve descrição dos meios de confecção das panelas de barro sempre mostrando admiração e apressamento pela confecção dessas peças já que os indígenas não tinham a sua disposição aparatos e instrumentos que os auxiliassem.

A louça fazem também com engenhosa indústria sem terem uso nem precisão de forma para a cozer, ordinariamente os seus oficiais são as mulheres, e escolhido, e preparado o barro, que sempre é especial, lhe misturam metade, ou alguma parte, da cinza das árvores, não de todas, mas ordinariamente da árvore caraipé; ajuntam quantidade de casca

desta árvore, queimam a dita casca o moem primeiro bem e fazem em pó finíssimo que também ajuntam ao barro; assim bem ministrado, e caldeado, amassam tudo, e depois de o porem no ponto necessário fazem a louça (...) a cozem também sem forno; (...). (DANIEL, 2004. pg. 128)

[...].

Para a vidrarem a esfregam com a resina do pau jotaí, a que chamam jota; outras vezes, em lugar desta resina, usam da casca do mangue; (...). (DANIEL, 2004. pg. 128)

A confecção das panelas de barro é um saber ainda muito ativo na Amazônia como é o caso das mulheres ceramista da comunidade rural de Santa Rita da Valéria e da comunidade São Tomé do Distrito do Mocambo do Arari (CRUZ; BIANCHEZZI, 2022). Atualmente temos como exemplos de pessoas que mantem essa cultura viva a Associação das Paneleiras de Goiabeiras fundada em 1987 no Espírito Santo, segundo Dalmásio Muniz (2012) o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil no ano de 2002.

De acordo com a Unesco, a partir da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial aprovada em 2003, considera-se patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu patrimônio cultural. (MUNIZ, 2012, p. 2).

Dando continuidade, falarei agora sobre o uso das canoas, que ainda hoje é de grande importância para as populações que habitam as margens dos rios Amazônicos, muitas vezes sendo o único meio de locomoção dessa população e uma ferramenta de suma importância para a sobrevivência das populações indígenas, dado que a região amazônica é constituída por um emaranhado de rios, lagos e igarapés, resultando em um labirinto quase sem fim que só pode ser percorrido utilizando canoas. A confecção de canoas ainda se mantém até os dias de hoje; no entanto, devido à sua demanda entre a população que habitam as margens dos rios amazônicos, o comércio de canoas tornou-se uma importante fonte de renda. Dentro do texto do o padre João Daniel, é possível observar que as canoas já não eram apenas de uso cotidiano, mas também um importante gênero comercial.

1. Canoas. Tendo o Amazonas tantos gêneros comerciáveis, que igualmente enriquecem aos habitantes, e reparte aos da Europa, e mais

mundo, (...). Sejam os primeiros os seus barcos, [que cha]mam canoas, que por serem feitas de um só pau, e por isso inteiriças, servem não só de admiração a todos os europeus, mas também de grandes conveniências a seus barcos (...). (DANIEL, 2004. pg. 575)

Segundo Nadja Lins, hoje em dia ainda se pode ver entre as populações que habitam as margens dos rios Amazônicos esse tipo de construção naval, que se constitui em dois setores bem distintos, os formais e os informais, sendo que os informais constroem artesanalmente em madeira, possuindo total informalidade (LINS; RODRIGUES, 2004), ou seja, um trabalho remunerado sem vínculo empregatício.

Dentro da obra do padre João Daniel, existem várias peculiaridades sobre a cultura dos indígenas que podem instigar a curiosidade do leitor, como a origem de lendas como os curupiras e os homens peixes, que pela forma como são descritos, podem até mesmo serem associadas a certas tribos indígenas que possuem características únicas e distintas, talvez explicando a origem dessas lendas. Entretanto, o que chamou muito a minha atenção não está relacionada a mitos ou lendas, mas sim à forma peculiar como os indígenas falavam uns com os outros, o que, a meu ver, abordar este assunto condiz perfeitamente com a proposta deste trabalho. Como todos sabem, os sotaques variam de região para região, e isso não exclui nós amazonenses, que possuímos um sotaque bem peculiar, acompanhado de gírias marcantes. Uma delas é o uso do termo “mano ou mana”, que nada mais é do que a abreviação da palavra irmão ou irmã. Dito isto, em uma das passagens de seu texto, o padre João Daniel observa uma certa peculiaridade linguística existente no dialeto falado entre os indígenas, justamente o hábito de chamarem uns aos outros de irmão e irmã.

Um dos bons costumes que pontualmente observam entre si os índios é chamaram-se irmãos uns aos outros seus iguais, tios aos mais velhos, de sorte que entre eles não há senão pai, tios e irmãos; e isto não só os da mesma povoação, mas todos, embora que seja a primeira vez que se avistam. E desta mesma urbanidade usam as mulheres (...). Urbanidade que deveria ser imitada não só de todos os homens, pois todos descendemos de um só pai, mais principalmente de todos os que nos prezamos de cristãos (...). (DANIEL, 2004. pg. 346)

Atualmente, em todo o território brasileiro, é comum o uso do termo "irmão" como uma forma de se referir a uma pessoa próxima ou a um amigo, mas no Amazonas se destaca o uso do termo “mano ou mana” entre a população local, sendo uma gíria típica e marcante do sotaque amazonense. A busca dessas similaridades que nós amazonenses

temos com as populações indígenas nos mostra como nossas culturas estão mais entrelaçadas do que imaginávamos.

Existem diversos outros aspectos culturais indígenas que mesmo hoje continuam presentes, não somente no território amazonense, mas em todo o Brasil. Para encerrar este último tópico, será retratado um dos hábitos pelos quais o brasileiro é mais reconhecido mundo afora, que são nossos hábitos de higiene, mas especificamente a cultura do banho. Os indígenas possuíam o hábito de se banhar frequentemente, principalmente por conta do calor. Esse hábito foi herdado por nós, e naquela época era visto com estranheza pelos portugueses, podemos compreender melhor essa estranheza através do livro de Eduardo Bueno *Passando a limpo: história da higiene pessoal no Brasil – 2007*, onde o autor relata que os portugueses chegavam a tomar entre um ou dois banhos por ano, e somente por recomendações médicas (Saneamento em Pauta, 2022). O padre João Daniel faz uma breve explanação sobre os hábitos de higiene dos povos indígenas e acrescenta que, mesmo aqueles nascidos e criados dentro das aldeias jesuíticas, compartilham o mesmo costume de se banharem com frequência.

E daqui nasce que não só não lhes faz mal, (...) se não continuassem para se refrescarem dos climas e calores do sol, e por isso é costume muito universal entre os índios o banharem-se ao menos três vezes no dia (...), mas ainda os domésticos nascidos e criados nas missões e povoados de brancos, enquanto podem fazem o mesmo. (DANIEL, 2004. pg. 281)

Existem várias outras similaridades entre a cultura dos povos que habitam as margens dos rios amazônicos e os povos tradicionais que podemos encontrar dentro da obra do padre João Daniel, por exemplo a farinha que o autor dedica um capítulo inteiro para falar de suas várias castas e como prepara-las, ou até mesmo dos mitos e lendas que o autor relata que hoje fazem parte da cultura popular sendo fonte de inspiração para desenhos, filmes, series e até mesmo para o Festival Folclórico de Parintins, entretanto, o objetivo desta última sessão não é catalogar todas essas similaridades presentes entre ambas as culturas, mas sim trazer alguns exemplos de forma a compreendermos a herança cultural indígena pelas populações que habitam as margens dos rios Amazônicos.

Considerações Finais

Através da obra do padre João Daniel, é possível observar uma ampla gama de assuntos, desde aqueles com viés político, como a relação entre os colonos e os jesuítas, as guerras justas e os resgates, o convencimento e descimento das populações indígenas para as aldeias, até assuntos voltados para os mitos e lendas populares da cultura amazonense, como o boto, as Amazonas e os curupiras.

Em relação ao processo de resistência indígena, podemos observar como estes se organizaram dentro dos aldeamentos para manter sua cultura viva. Esse processo obteve êxito, já que suas culturas ainda se mantêm vivas através das populações indígenas que ainda existem, mesmo que em menor número, ou mesmo através de nós amazonenses e habitantes das margens dos rios amazônicos, que herdamos suas culturas.

Enfim, os mecanismos de resistência da cultura indígena ao longo da História da Amazônia fizeram com que os povos tradicionais sejam reconhecidos como uma das três principais matrizes que compõem a identidade nacional brasileira, junto das matrizes africanas e europeias (FREIRE, J.R, 2000), demonstrando sua importância para a história nacional.

REFERÊNCIAS:

Fontes:

Conheça fatos e curiosidades sobre a história do banho. Saneamento em Pauta, 2022. Disponível em: < [História do banho: conheça alguns fatos e curiosidades! \(brkambiental.com.br\)](http://brkambiental.com.br)>. Acesso em: 06/01/2024.

DANIEL, João. Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas 1722-1776 Volume I e II. Rio de Janeiro, CONTRAPONTO, 2004.

Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas – IDAM. (2012). Como Cultivar Mandioca. ASCOM/SEPROR, 2024. Disponível em: <<http://www.idam.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/CARTILHA-Cultura-da-Mandioca.pdf>>. Acesso em: 26/01/2024

LINS, Michele Bahia. Amazônia e suas influências culturais. 3º EPPPAC. Manaus-AM, 2015.

MANO O QUE É, SIGNIFICADO. Só Escola, 2023. Disponível em: < [Mano O que é, significado - SÓ ESCOLA \(soescola.com\)](http://soescola.com)>. Acesso em: 05/01/2024.

Padre Antônio Vieira – biografia resumida. História do Brasil, 2023. Disponível em: < [Padre Antônio Vieira - biografia resumida \(historiadobrasil.net\)](http://historiadobrasil.net)>. Acesso em: 26/01/2024

Quem foi o Apóstolo Tomé. Estilo Adoração, 2024. Disponível em: < [Quem foi Tomé na Bíblia? A História do Apóstolo Tomé \(estiloadoracao.com\)](http://estiloadoracao.com)>. Acesso em: 26/01/2024

Caminhos do açaí: Estados Unidos Consomem 40% da exportação paraense. g1.com. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/02/21/caminhos-do-acai-estados-unidos-consome-40-da-exportacao-paraense-mercado-na-europa-e-timido-e-fruto-movimenta-us-17-milhoes-em-dois-anos.ghtml> >

Bibliografia:

CARDOSO, Eloisa Maria Ramos. Tradição da produção da farinha de mandioca na Amazônia. Embrapa Amazônia Oriental, 2005.

CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. C253i Índios cristãos: a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa (1653-1769). Campinas, SP. 2005.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. Etnogênese Mbayá-Guaykuru: Notas Sobre Emergência Identitária, Expansão Territorial E Resistência De Um Grupo Étnico No Vale Do Rio Paraguai (c. 1650-1800). Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, Vol. 3 Ano III nº 4. 2006.

CRUZ, Alef Fernandes; BIANCHEZZI, Clarice; SANTOS, Adriano Márcio dos. Nos Caminhos Do Fogo: O Processo De Construção De Forno A Lenha E Queima De Cerâmica. Mercantil, 2004.

FREIRE, J.R. Bessa. Cinco idéias equivocadas sobre o índio. In Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH). Nº 01 – setembro 2000. P.17-33.

GARCEZ, Danielle Sequeira; BOTERO, Jorge Iván Sánchez, FABRÉ, Nidia Noemi. Caracterização Das Pescarias De Subsistência E Comercial Praticadas Por Ribeirinhos De Áreas De Várzea Em Manacapuru, Baixo Solimões, Amazonas, Brasil. (Bol. Téc. Cient. Cepnor, Belém, v. 9, 2009. Universidade do Estado do Amazonas, 2023.

HORA, Neriane Nascimento da; MOREIRA, Álvaro dos Santos. Importância Comercial E De Subsistência Da Pesca Para Comunidades Da Várzea Do Baixo Amazonas. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.16 n.30. 2019.

LINS, Nadja Vanessa Miranda; RODRIGUES, Luzia Raquel Queiroz; BARREIROS, Nilson Rodrigues; MACHADO, Waltair Vieira. Construção Naval no Amazonas: proposições para o mercado, 1995.

Muniz, G. D. (2012). As Diferentes Identidades Culturais Na Panela De Barro. Revista Do Colóquio, 2(3), 2012.

SENA, Raylene Rodrigues de. Sistema De Produção Em Casas De Farinha: Uma Contribuição Ao Processo De Consolidação Da Indicação Geográfica Da Farinha Uarini. Belo Horizonte, 2019.

SILVA, Beatriz Souza da; COSTA, Francisca Maria Conceição da; MELO, Maria Eduarda De Lima. Gastronomia Amazônica. Recife: O Autor, 2021.